



Hélio Melo

Desenhos_tecnica mista
Centro de Artes do SESC_Tijuca
rua Barão de Mesquita,539

Hélio Holanda de Melo nasceu em 1926 na Vila Antimarí, município de Boca do Acre, no Amazonas. Desde muito jovem trabalhou como seringueiro, a serviço de outros, ou no seu próprio seringal, em Senápolis. Na floresta a vida é duríssima, o sofrimento uma constante e o perigo ronda continuamente a vida do seringueiro. Este, costume dizer Hélio de Melo, vive como um rato, vive pelos cantos, sobrevivendo como pode, sem muita chance de ver a luz como os outros homens. Dono da terra, vê tudo lhe escapar das mãos: a madeira, a borracha, a castanha, os frutos vários.

Ocupado em sobreviver, Hélio de Melo não pôde sequer completar o curso primário. Contudo, sempre gostou de desenhar, o que passou a fazer de modo regular a partir dos doze anos. Adulto, ao mesmo tempo que trabalhava simultaneamente como barbeiro ambulante, aprendeu sozinho a tocar viola. E passou a tocá-la em festinhas no seringal. "Espantava a solidão — diz — e dava uns trocados".

Cansado de sofrer no seringal, decidiu transferir-se com mulher e cinco filhos para Rio Branco, capital do Acre, em 1959. Durante doze anos atravessou gente e coisas de um lado ao outro do rio na catraia que ele próprio construiu. Mas um dia ergueram uma ponte metálica sobre o rio e o catraieiro ficou sem o seu negócio. Hoje é vigia de uma grande empresa.

Contudo, o desenho lhe toma mais e mais tempo e sua produção vai se tornando regular e numerosa. Se antes fazia desenhos para escolas que o procuravam e, assim, conseguiam tirar nota dez com suas professoras, hoje tem na sua produção desenhística um instrumento de denúncia das lamentáveis condições de vida nos seringais, da demagogia política, da ação dos poderosos e dos prepotentes, da política educacional, mas, igualmente, um veículo de sua poderosa imaginação. Com efeito, o que primeiro informa, tematicamente, o desenho vivência da selva. Com precisão documental descreve as várias etapas da produção da borracha — os cortes regulares nas árvores, o seringueiro sobre o moitá, a defumação e a venda do pelá para o intermediário. E mais: a solidão do seringueiro e a onça que o espreita à espera do momento de atacá-lo. Porém, seringueiro, Hélio conhece "o jeito da mata", dialoga com o animal e sabe que, muitas vezes, mais violento é o preço que pagam por seu trabalho, são as condições subhumanas em que vive. Mesmo assim, ama a solidão e beleza da floresta, que em seus desenhos quase sempre aparece vazia de gente, em sua plenitude, ou em magní-

ficos entardeceres e amanheceres de um colorido especial, que ele consegue misturando ao nanquim uma resina feita do sumo de flores, folhas e casca de árvores que ele mesmo prepara.

Muitos desenhos de Hélio de Melo beiram o fantástico pelo inusitado de seus temas: burros, peixes e cágados aparecem nos galhos das árvores, um burro vaidoso lê um jornal, um homem com cara de rato pesca num pequeno lago, o burro aparece na janela da choupana enquanto a família, em fila, segue novo rumo, as vacas se metamorfoseiam em mulheres ou em seringueiras, estas já com os cortes para escorrer o líquido. Hélio de Melo, porém, tem uma explicação racional para cada uma dessas imagens. Junto ao galho em que está o burro, aparece uma escada, mas em outros desenhos, em que é o homem que ocupa o lugar do burro, a escada está ausente. "Capitães e coroneis compram patente, o sujeito que não era nada compra um título, e assim, sem merecer sobe na vida. O povo sobe na árvore sem precisar de escada, por seus próprios méritos e esforço." Explica. Para o rato da selva em que se transformou o seringueiro, só lhe resta, por vezes, a esperança de um peixe na ponta do anzol. Hélio estende suas críticas ao oportunismo político, quando mostra, em dois desenhos que se completam "O político antes" e "O político depois". No primeiro, a casa do político está aberta ao povo, depois, eleito, um cão feroz se planta junto à porta. Com humor e imaginação, Hélio de Melo sabe transferir para o desenho a sabedoria popular e demonstra ser um observador atento de tudo o que se passa ao seu redor. Assim como o seringueiro, na floresta, "aprende as manhas da onça e cria seus meios de defesa", diz Hélio de Melo que "ponho no desenho o que não posso falar".

Faz bem o Centro de Atividades do SESC da Tijuca em trazer ao Rio este artista genuinamente popular de uma região tão distante como o Acre. Isto não apenas serve para aproximar o público carioca de uma realidade tão dramática como a do seringueiro, como também comprova que a sensibilidade artística é um dom que pertence a todos. Ser sensível à arte e ao sofrimento do povo não é um privilégio, mais uma lição de vida. Como diz Hélio de Melo: "pessoa que admira a música e o desenho é uma pessoa com vida".

Rio, julho, 1980

Frederico Morais

inauguração: 22 de julho às 20:30 h
exposição: 22/07 a 13/08/80

de segunda a sexta das 12 às 21h
sabado das 12 às 17h



Hélio Melo

Desenhos_tecnica mista
Centro de Artes do SESC_Tijuca
rua Barão de Mesquita,539

Hélio Holanda de Melo nasceu em 1926 na Vila Antimarí, município de Boca do Acre, no Amazonas. Desde muito jovem trabalhou como seringueiro, a serviço de outros, ou no seu próprio seringal, em Senápolis. Na floresta a vida é duríssima, o sofrimento uma constante e o perigo ronda continuamente a vida do seringueiro. Este, costuma dizer Hélio de Melo, vive como um rato, vive pelos cantos, sobrevivendo como pode, sem muita chance de ver a luz como os outros homens. Dono da terra, vê tudo lhe escapar das mãos: a madeira, a borraça, a castanha, os frutos vários.

Ocupado em sobreviver, Hélio de Melo não pôde sequer completar o curso primário. Contudo, sempre gostou de desenhar, o que passou a fazer de modo regular a partir dos doze anos. Adulto, ao mesmo tempo que trabalhava simultaneamente como barbeiro ambulante, aprendeu sozinho a tocar viola. E passou a tocá-la em festinhas no seringal. "Espantava a solidão — diz — e dava uns trocados".

Cansado de sofrer no seringal, decidiu transferir-se com mulher e cinco filhos para Rio Branco, capital do Acre, em 1959. Durante doze anos atravessou gente e coisas de um lado ao outro do rio na catraia que ele próprio construiu. Mas um dia ergueram uma ponte metálica sobre o rio e o catraieiro ficou sem o seu negócio. Hoje é vigia de uma grande empresa.

Contudo, o desenho lhe toma mais e mais tempo e sua produção vai se tornando regular e numerosa. Se antes fazia desenhos para escolas que o procuravam e, assim, conseguiam tirar nota dez com suas professoras, hoje tem na sua produção desenhística um instrumento de denúncia das lamentáveis condições de vida nos seringais, da demagogia política, da ação dos poderosos e dos prepotentes, da política educacional, mas, igualmente, um veículo de sua poderosa imaginação. Com efeito, o que primeiro informa, tematicamente, o desenho vivência da selva. Com precisão documental descreve as várias etapas da produção da borracha — os cortes regulares nas árvores, o seringueiro sobre o moitá, a defumação e a venda do pelá para o intermediário. E mais: a solidão do seringueiro e a onça que o espreita à espera do momento de atacá-lo. Porém, seringueiro, Hélio conhece "o jeito da mata", dialoga com o animal e sabe que, muitas vezes, mais violento é o preço que pagam por seu trabalho, são as condições subhumanas em que vive. Mesmo assim, ama a solidão e beleza da floresta, que em seus desenhos quase sempre aparece vazia de gente, em sua plenitude, ou em magní-

ficos entardeceres e amanheceres de um colorido especial, que ele consegue misturando ao nanquim uma resina feita do sumo de flores, folhas e casca de árvores que ele mesmo prepara.

Muitos desenhos de Hélio de Melo beiram o fantástico pelo inusitado de seus temas: burros, peixes e cágados aparecem nos galhos das árvores, um burro vaidoso lê um jornal, um homem com cara de rato pesca num pequeno lago, o burro aparece na janela da choupana enquanto a família, em fila, segue novo rumo, as vacas se metamorfoseiam em mulheres ou em seringueiras, estas já com os cortes para escorrer o líquido. Hélio de Melo, porém, tem uma explicação racional para cada uma dessas imagens. Junto ao galho em que está o burro, aparece uma escada, mas em outros desenhos, em que é o homem que ocupa o lugar do burro, a escada está ausente. "Capitães e coroneis compram patente, o sujeito que não era nada compra um título, e assim, sem merecer sobe na vida. O povo sobe na árvore sem precisar de escada, por seus próprios méritos e esforço." Explica. Para o rato da selva em que se transformou o seringueiro, só lhe resta, por vezes, a esperança de um peixe na ponta do anzol. Hélio estende suas críticas ao oportunismo político, quando mostra, em dois desenhos que se completam "O político antes" e "O político depois". No primeiro, a casa do político está aberta ao povo, depois, eleito, um cão feroz se planta junto à porta. Com humor e imaginação, Hélio de Melo sabe transferir para o desenho a sabedoria popular e demonstra ser um observador atento de tudo o que se passa ao seu redor. Assim como o seringueiro, na floresta, "aprende as manhas da onça e cria seus meios de defesa", diz Hélio de Melo que "ponho no desenho o que não posso falar".

Faz bem o Centro de Atividades do SESC da Tijuca em trazer ao Rio este artista genuinamente popular de uma região tão distante como o Acre. Isto não apenas serve para aproximar o público carioca de uma realidade tão dramática como a do seringueiro, como também comprova que a sensibilidade artística é um dom que pertence a todos. Ser sensível à arte e ao sofrimento do povo não é um privilégio, mais uma lição de vida. Como diz Hélio de Melo: "pessoa que admira a música e o desenho é uma pessoa com vida".

Rio, julho, 1980

Frederico Morais

inauguração: 22 de julho às 20:30h
exposição: 22/07 a 13/08/80

de segunda a sexta das 12 às 21h
sabado das 12 às 17h